

Redescobrir o Evangelho: ressonâncias acerca do quarto imperativo ecumênico do documento *Do conflito à comunhão*

Rediscover the Gospel: resonances on the fourth ecumenical imperative in the document *From conflict to communion*

Jefferson Zeferino¹

Claudia Gobetti²

Eliane Cristina do Nascimento de Freitas Prado³

Rudimar Luiz Mattana⁴

Sirlene Matos⁵

Resumo

Este trabalho reúne ressonâncias acerca do documento *Do conflito à comunhão* que é um relatório da caminhada ecumênica entre católicos e luteranos, representados pelo Pontifício Conselho Para a Unidade dos Cristãos (PCPUC) da Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) e pela Federação Luterana Mundial (FLM), sobre a comemoração conjunta dos 500 anos da Reforma iniciada com Lutero. Mais especificamente, o quarto imperativo ecumênico que trata da relação Igrejas-Evangelho-Ética, é recebido e pensado diante do contexto brasileiro atual. Nossa abordagem destaca o quarto imperativo ecumênico enquanto redescoberta do Evangelho para a atualidade no retorno às fontes, na catequese mistagógica; na promoção da unidade e do diálogo, e na força do Espírito Santo. Como resultado, compreende-se que uma caminhada conjunta entre católicos e luteranos pode ser sinal de esperança e unidade para a sociedade hodierna. Mais, a comemoração conjunta dos 500 anos da Reforma pode ser o ponto de partida para uma atuação ética e ecumênica efetiva e transformadora da sociedade.

Palavras-chave

Ecumenismo. FLM. PCPUC. *Do conflito à comunhão*. Comemoração conjunta dos 500 anos da Reforma.

Abstract

This work gathers some resonances on the document *From conflict to communion* which is a report from the ecumenical journey between Catholics and Lutherans represented by the Pontifical Council for Promoting Christian Unity (PCPCU) and the Lutheran World Federation (LWF), regarding to the Reformation Joint-Commemoration. More specifically, the fourth ecumenical imperative, that works the relation Churches-Gospel-Ethics, is thought on the horizon of the Brazilian context. This approach highlights the fourth ecumenical imperative as the rediscovery of the Gospel in the return to the sources, in the mystagogic catechism, in the promotion of unity and dialogue, and in the force of the Holy Spirit. Thus, we understand that

¹ Doutor e mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Bacharel em Teologia pela Faculdade Luterana de Teologia de São Bento do Sul. Contato: jefferson.zeferino@hotmail.com.

² Bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Contato: claugob@yahoo.com.br.

³ Bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Contato: abramgeprsc@abramgeprsc.com.br.

⁴ Licenciado em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Contato: rl.mattana61@hotmail.com.

⁵ Bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Contato: s.fmatos.teologia@gmail.com.

the joint effort between Catholics and Lutherans may be a sign of hope and unity to hodiernal society. Furthermore, the Reformation joint commemoration may be a starting point for a more effective and transforming ethics.

Keywords

Ecumenism. LWF. PCPCU. *From conflict to communion*. Reformation 500 years joint-commemoration.

INTRODUÇÃO

2016 foi o ano que abriu as celebrações rumo ao dia 31 de outubro de 2017. Já em 2015, como fundamento para o processo de comemoração conjunta de católicos e luteranos dos 500 anos da Reforma foi lançado o documento *Do conflito à comunhão: comemoração conjunta católico-luterana da Reforma em 2017*. Este documento, composto por seis capítulos se compromete em fazer uma memória histórica e teológica acerca dos motivos e mal-entendidos que culminaram com a divisão eclesial do século XVI e das razões que possibilitam uma comemoração conjunta, em unidade, da Reforma no próximo ano.

O primeiro capítulo intitulado *Comemoração da Reforma numa era ecumênica e global* ressalta que pela primeira vez a comemoração do centenário da Reforma terá espaço numa realidade cultural multifacetada, a globalização, transcendendo sua dimensão econômica, que trouxe à luz um mundo em que diversas culturas e religiões convivem em espaços comuns. Além disso, trata-se de um momento ecumênico. Aos movimentos ecumênicos evangélicos iniciados no século XIX e intensificados já na primeira parte do século XX unem-se os resultados do Concílio Vaticano II (1962-1965), possibilitando uma caminhada ecumênica formal e profícua. Desta forma, além de celebrar os 500 anos da Reforma, celebram-se os 50 anos de diálogo ecumênico oficial entre católicos e luteranos.

Com os capítulos *Novas perspectivas sobre Martin Lutero e a Reforma* e *Um esboço histórico da Reforma Luterana e a resposta católica*, o documento demonstra a possibilidade de um novo olhar para a história da Reforma. Católicos e luteranos aprendem que podem contar a história conjuntamente e não mais de forma contrária ao outro. Neste sentido, ambiguidades e mal-entendidos dos dois lados são reconhecidos. Entende-se, sobretudo, que a intenção de Lutero não era a divisão da Igreja, muito pelo contrário, suas teses buscavam um diálogo acadêmico. Entretanto, fatores econômicos e políticos, além de diferenças de linguagem teológica, provocaram a excomunhão do até então monge agostiniano e, com isso, um processo de separação da Igreja católica, especialmente de regiões da Alemanha que apoiavam Lutero.

O quarto capítulo *Temas básicos da teologia de Lutero à luz dos diálogos luterano – católico-romanos* realiza uma excelente síntese das principais formulações teológicas de Lutero. Permite evidenciar, desta forma, que a base crística é comum entre católicos e luteranos. Mais, à luz da *Declaração conjunta sobre a doutrina da justificação*, demonstra que a graça de Deus é a base inalienável que une estas igrejas na mesma fé.

Ao apresentar de forma adequada aspectos históricos e teológicos referentes a Reforma, o documento encaminha as bases para o quinto capítulo, a saber, *Chamados à comemoração comum*. Efetivamente, a vontade de Jesus disposta em João 17,21: “Que todos sejam um para que o mundo creia”, é recebida por católicos e luteranos ao compreenderem que a fé em Jesus Cristo é maior do que as diferenças teológicas que ainda existem entre estas expressões cristãs.

Por fim, o documento aponta para cinco imperativos ecumênicos, que podem ser sintetizados à luz do método teológico consagrado pela teologia latino-americana: Ver: entende a necessidade de católicos e luteranos lerem adequadamente a realidade contextual a partir da qual são Igreja; julgar: a leitura da realidade acontece à luz da fé, especialmente a partir da graça de Deus e do batismo comum recebido; agir: no contexto em que estão, unidos pela fé em Cristo, católicos e luteranos são chamados a agir concordes a Cristo, isto é, são vocacionados a estarem na sociedade de forma transformadora.

No presente texto, queremos atentar ao quarto imperativo ecumênico, pois entendemos que “redescobrir a força do Evangelho de Jesus Cristo para o nosso tempo” é tarefa mais que urgente para as igrejas e seu consequente fazer teológico.

1 A FORÇA DO EVANGELHO HOJE: RESSONÂNCIAS SOBRE O QUARTO IMPERATIVO ECUMÊNICO

Ao tomar consciência que pertencem ao mesmo corpo de Cristo, católicos e luteranos identificam cinco imperativos que irão comemorar no ano de 2017. Estes imperativos podem ser resumidos da seguinte forma: 1) católicos e luteranos devem partir da unidade; 2) luteranos e católicos, pelo testemunho recíproco da fé, devem estar abertos ao encontro e ao diálogo; 3) católicos e luteranos devem comprometer-se por uma unidade visível; 4) luteranos e católicos devem evidenciar o vigor do Evangelho para a sociedade atual; 5) católicos e luteranos devem testemunhar juntos a graça e a misericórdia de Deus (PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS; FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL, 2015, p. 238-245).

1.1 Redescobrir o Evangelho no retorno às fontes

Não é possível falar em diálogo ecumênico se não existir abertura ao encontro e o reconhecimento da legitimidade da expressão religiosa do outro. Vale destacar que, para católicos e luteranos, o Evangelho possui a precedência. Entretanto, a unidade na comunhão torna-se um imperativo, o que tem a ver, também, com um retorno às fontes, que permita uma leitura promotora da unidade de comunhão e não da divisão.

Nesta direção, também o respeito à tradição e a historicidade das igrejas tem espaço. Compreende-se que a cooperação, além de possível, é dever mútuo no testemunho do Evangelho que pode ser traduzido no serviço, na caridade, na justiça e na paz. Isto é, os diferentes dons são colocados a serviço do próximo em um modelo de complementariedade.

Mais, a cooperação é urgente entre as igrejas que se entendem cristãs em favor da dignidade humana e contra as injustiças e misérias. Também a casa comum se mostra como um pobre que grita vitimada. Por outro lado, a falta de unidade entre os cristãos é um testemunho contra a fé e contra Jesus Cristo.

O estudo da Bíblia, neste ponto, torna-se central ao ecumenismo. A compreensão cristológica comum, como estabelece a *Declaração conjunta sobre a doutrina da justificação* de 1999, a exegese bíblica e a aplicação prática à vida, como o fez o movimento de leitura popular da Bíblia pelo lado católico e os vários estudos bíblicos do lado protestante, possibilitam uma unidade plural no que tange as bases mais tenras da fé cristã. Assim, uma unidade no reconhecimento da centralidade da Palavra de Deus na pessoa de Jesus Cristo e sua graça alimenta a espiritualidade ecumênica.

A máxima bastante enfatizada pelas igrejas da Reforma da *ecclesia reformata et semper reformanda* torna-se também um mandamento comum para as igrejas que se entendem à luz da fé concretamente presentes na sociedade. Apesar da contínua necessidade de repensar a Igreja e seu papel, faz-se necessária também uma determinada coerência confessional. Nem católicos nem luteranos deixam de lado suas identidades e tradições para empenharem-se ecumenicamente, pelo contrário, suas peculiaridades e especificidades é que podem somar ao diálogo.

Em virtude da eficiência do diálogo, também urge a necessidade de reconhecimento dos preconceitos para assim ser possível um processo de esclarecimento. Isto é, assim como o documento *Do conflito à comunhão* propõe rever a forma de contar a história, não mais contra a outra tradição eclesial, mas em conjunto. Também é necessário rever os preconceitos de católicos para com luteranos e de luteranos para com católicos. Desta forma, por meio do diálogo, é possível aprofundar o conhecimento acerca das diferenças, entendendo que elas não são maiores do que os fatores de unidade. Ademais, são as diferenças que podem enriquecer mutuamente ambas as tradições.

1.2 Redescobrir o Evangelho na catequese mistagógica

Redescobrir a força do Evangelho para a atualidade é um desafio. Corroborar a compreensão desta tarefa a seguinte afirmação da *Declaração conjunta sobre a doutrina da justificação*:

Luteranos e católicos compartilham o objetivo comum de confessar em tudo a Cristo, ao qual unicamente importa confiar, acima de todas as coisas, como único mediador (cf. 1Tm 2,5s.) pelo qual Deus, no Espírito Santo, dá a si mesmo e derrama seus dons renovadores. (DECLARAÇÃO..., n. 18).

Segundo a fé que compartilham, Jesus Cristo é o centro vital que une católicos e luteranos na força do Espírito. A recepção destes impulsos pode ocorrer pelo viés de uma catequese mistagógica, a qual propõe uma releitura no modo da iniciação cristã. Evidencia-se

Caminhos de Diálogo, Curitiba, ano 6, n. 9, p. 176-184, jul./dez. 2018

que a catequese é um instrumento de evangelização e transmissão de fé, tendo como primeira missão levar os iniciados ao encontro com a pessoa de Jesus. A partir deste encontro, objetiva-se a formação de discípulos seguidores de Jesus, comprometidos com a comunidade e sociedade, tornando-se novos evangelizadores do Reino de Deus – espaço de promoção da paz e do bem comum.

Parte-se da compreensão de uma comunidade toda ela catequética, isto é, pedagógica. Trata-se de um movimento educativo na ética comunitária, isto quer dizer que em sua vida a comunidade pode mostrar à sociedade o rosto acolhedor de Cristo, o consolo do Espírito e o amor do Pai. Trata-se, portanto, de uma compreensão trinitária da espiritualidade cristã, que é, ao mesmo tempo, ética.

A catequese mistagógica, é uma catequese de introdução ao mistério – que por definição escapa a qualquer definição –, catequese de experiência e vivência, tendo como objetivo o acolhimento do Evangelho em seu potencial transformador de vida e de relações para que o discípulo de Jesus possa viver sua humanidade de forma mais profunda, solidária e fraterna.

1.3 Redescobrir o Evangelho na unidade e no diálogo

Em contraposição aos fundamentalismos religiosos coloca-se a unidade ecumênica enquanto reconhecimento da legitimidade das diferenças. Desta forma, a busca pela unidade, respeitando o pluralismo religioso, é tarefa das igrejas cristãs.

A partir de Wolff (2001, p. 404), é possível entender que há narrativas teológicas eclesiais que manifestam um caráter exclusivista onde há “comportamentos de rejeição e resistência, escolhas preferenciais e caminhos autônomos [...] e proselitismo.” Estes procedimentos, além de não levarem ao diálogo e compreensão recíproca com outras crenças, faz com que tomem atitudes intolerantes, discriminatórias e violentas contra adeptos de outras religiões, o que, no contexto brasileiro, pode se referir a um processo de demonização dos cultos das religiões de matriz africana, implicando em práticas de violência como a destruição de locais de culto e imagens, tanto contra as religiões de matriz afro como contra outras confissões cristãs, como no caso de violência de evangélicos contra igrejas católicas. Tais condutas são amparadas em leituras fundamentalistas dos escritos bíblicos, dando-lhes um caráter de exclusividade.

Especificamente no âmbito católico romano, com o Concílio Vaticano II ocorre uma abertura às narrativas da modernidade e ao diálogo. A partir da década de 1960, portanto, a ICAR junta-se aos esforços ecumênicos iniciados pelo mundo protestante, com suas comissões de diálogo bilaterais, o reconhecimento e participação (não como membro) do Conselho Mundial de Igrejas, e com o Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade Cristã. No Brasil, a ICAR marca presença no Conselho Nacional das Igrejas Cristãs.

Vale destacar a experiência da descoberta do encontro vivenciada pelas igrejas cristãs que foram levadas a compreender que a unidade da Igreja de Cristo contempla a diversidade

religiosa tendo como base a unidade plural da imagem trinitária (Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo).

É este compromisso ecumênico que aproxima cada vez mais a unidade dos cristãos, para que se ultrapasse a fronteira religiosa e se torne um exemplo, um testemunho, um modelo ético, para a paz, compreensão e a defesa da dignidade humana. À perenidade do engajamento ecumênico, pretende também somar a seu esforço outras tradições eclesiais, como “comunidades pentecostais, alguns setores do protestantismo histórico e movimentos eclesiais católicos”, ainda afastados, conforme declara Wolff (2001, p. 423).

Em resumo, com o intuito de redescobrir o Evangelho na promoção da unidade e do diálogo entende-se a força do testemunho cristão na caridade e na ética como fundamentais.

1.4 Redescobrir o Evangelho na força do Espírito Santo

A razão técnico-cientificista não dá conta da complexidade da realidade humana (BOFF, 2014). Neste contexto, porém, um *aggiornamento* teológico é mandatório. Novas linguagens e formas de pensar as questões humanas precisam ser produzidas, pois as perguntas que se colocam também são sempre novas.

Tem espaço, portanto, a redescoberta da dinâmica da vida religiosa. É comum que, na fé cristã, se compreenda que desde a criação até os dias de hoje o Espírito Santo conduz, anima e incentiva a Igreja, porém em algumas épocas esta perspectiva foi eclipsada por teologias que não pensaram a Trindade em sua integralidade.

Assim, pensa-se aqui, retomando o pensamento de Clodovis Boff (2014), em uma modernidade aberta ao transcendente, que se contrapõe ao cientificismo fechado que tenta exaurir a existência naquilo que pode ser explicado por meio das ferramentas técnicas. Dentro desta modernidade aberta, portanto, encontram-se as espiritualidades católica e luterana. Do âmbito luterano destacamos:

O Espírito Santo que atua hoje não pode ser outro do que aquele que atuou em Jesus de Nazaré. Uma de suas funções da pregação na igreja é lembrar a comunidade de tudo o que Jesus disse e fez (Jo 14.26). Esse é o critério que permite discernir, entre os muitos fenômenos que acontecem ao nosso redor, a manifestação do Espírito Santo. Movimentos pentecostais, carismáticos ou de avivamento instalam-se em várias igrejas, prometendo a sua renovação. Eles respondem, sem dúvida, a justos anseios de que a fé seja mais do que adesão a fórmulas estáticas ou a ritos solenes. Para tornar-se alegre e dinâmica, a fé precisa transformar-se em experiência pessoal e vivencial. (GIESE, 2016).

Do lado católico, trazemos a seguinte elaboração:

Cristo Salvador liberta o homem do pecado, tornando-o autenticamente livre, isto é para viver em comunhão com ele, fundamento de toda fraternidade humana. Dessa vez trata-se de uma liberdade humana desta vez trata-se de uma libertação de ordem religiosa, espiritual e que ocupa lugar central no mistério da salvação. Inúmeras pessoas esperam mais ou menos

Caminhos de Diálogo, Curitiba, ano 6, n. 9, p. 176-184, jul./dez. 2018
ISSN 2595-8208 181

conscientemente essa libertação. Não somos nós obrigados a responder a tais apelos? Não disse Jesus: “Importa praticar estas coisas sem deixar de lado aquelas” (Lc 11,42)? Tais palavras são válidas para todos os tempos. (SUENENS; CÂMARA, 1979, p. 33).

Estes dois recortes, apesar de não serem de documentos oficiais ou normativos, ilustram certa continuidade na abordagem católica e luterana acerca do Espírito. Ambas as tradições compreendem a ação do Espírito como aquela atuação que anima e dinamiza a comunidade cristã para o amor ao próximo, isto é, trata-se de uma incidência ética da espiritualidade.⁶

Católicos e luteranos, unidos pelo dom do Espírito Santo são chamados para uma presença caritativa no seio da sociedade, promovendo o diálogo e o encontro entre os diferentes com a finalidade do bem comum. Soma-se a esta análise a poesia do pastor luterano Lindolfo Weingärtner:

Santo Espírito, Santo Espírito, desce sobre nós.
Santo Espírito, Santo Espírito, não nos deixes a sós.
Temos leis e tradições, discutimos mil questões, programamos mil ações.
Mas se agimos sem amor, nossa fé não tem vigor, somos mornos, sem ardor.
Frio é nosso coração, fria é nossa comunhão, não amamos nosso irmão.
Teu Espírito, Jesus, venha a ser a nossa luz, bússola que nos conduz
A levar paz ao irmão, a partir com ele o pão e viver o teu perdão,
A buscar justiça e amor, a seguir com fé e ardor em teu reino, ó Salvador.
(WEINGÄRTNER apud GIESE, 2016).

Por fim, compreende-se que para católicos e luteranos há uma dinâmica que anima a existência. Esta dinâmica, por sua vez, é compreendida como o Espírito. Estas tradições compartilham a percepção de que este Espírito é promotor de justiça, amor e criatividade para o bem comum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Redescobrir a força do Evangelho é tarefa constante das igrejas cristãs e da teologia. A fé compartilhada por católicos e luteranos aponta para um Deus que é, ele mesmo, um convertido. Pensa-se, na imagem de um Deus que, em sua divindade, se converte em humanidade, por meio de Jesus Cristo. Este Deus que se movimenta caritativamente em direção ao ser humano é o mesmo que sopra um fôlego de vida no ser humano (*nishmat*) e que mantém a criação por meio de seu Espírito (*ruah, pneuma*). Assim, compreende-se que o cristão, de forma ecumênica, é movido ao encontro com o próximo, colocando-se em serviço, convertendo-se ao rosto do outro.

⁶ Sobre a relação entre espiritualidade e ética ver: ZEFERINO, Jefferson; BOFF, Clodovis. A humanidade de Deus como fundamento para uma espiritualidade ética. **Estudos Teológicos**. São Leopoldo, v. 55, n. 1, p. 89-100, jan./jun. 2015.; BOFF, Clodovis. Teologia e espiritualidade: por uma teologia que ilumine a mente e inflame o coração. **Pistis e Práxis: Teologia e Pastoral**, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 112-141, jan./abr. 2015.; WOLFF, Elias. **Espiritualidade do diálogo inter-religioso: contribuições na perspectiva cristã**. São Paulo: Paulinas, 2016.

Desta forma, redescobrir a força do Evangelho é, simultaneamente, redescobrir a força ética do amor ao próximo. Este movimento é qualitativamente enriquecido pelo retorno às fontes, pela catequese mistagógica, e pela promoção de unidade e diálogo.

No retorno às fontes o cristão redescobre a força do Evangelho em outros tempos. Atento à Bíblia e a tradição pode redescobrir momentos escatológicos em que a graça de Deus se manifesta na dinâmica das relações humanas.

Por meio da catequese mistagógica, isto é, a partir do seguimento de Jesus Cristo, o cristão torna-se um discípulo do amor e da misericórdia, sendo, ele mesmo, ação em favor da humanidade.

A unidade visível e o diálogo tomam espaço dentro de uma realidade em que a pluralidade da existência é assumida de forma positiva. Reconhece-se a dignidade e a legitimidade das outras expressões cristãs e de outras tradições religiosas e, por meio do diálogo, torna-se possível a construção de um novo *ethos* marcado pelo bem comum.

Por fim, na dinâmica do Espírito o Evangelho é redescoberto e criativamente recebido para que, também hoje, proporcione uma narrativa de sentido que não apequene a vida do diferente, mas, em unidade, que todos possam enriquecer-se mutuamente dentro da uma comunidade de vida que é a Terra.

Desta forma, a recepção do documento *Do conflito à comunhão* pode se tornar um ponto de partida para uma nova época ecumênica que, por meio da unidade visível, sinalize o Reino de Deus de forma concreta no interior da sociedade civil, redescobrando a força do Evangelho de Jesus Cristo no labor teológico e na prática da vida. ✨

REFERÊNCIAS

BOFF, Clodovis. **O livro do sentido: crise e busca de sentido hoje** (parte crítico-analítica). São Paulo: Paulus, 2014. v. 1.

BOFF, Clodovis. Teologia e espiritualidade: por uma teologia que ilumine a mente e inflame o coração. **Pistis e Praxis**: teologia e pastoral, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 112-141, jan./abr. 2015. Disponível em: < <https://periodicos.puepr.br/index.php/pistispraxis/article/view/12986/12314>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

DECLARAÇÃO conjunta sobre a doutrina da justificação. Declaração conjunta católica romana e Federação Luterana Mundial. Augsburg, 31 de outubro de 1999. São Leopoldo: Sinodal; Brasília: CONIC; São Paulo: Paulinas, 1999.

GIESE, Nilton. Pentecostes. **Portal luteranos**, 16 maio 2016. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/pentecostes-37957>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS; FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. **Do conflito à comunhão**. Comemoração conjunta católico-luterana da Reforma em 2017. Relatório da Comissão Luterana – Católico-Romana para a Unidade. Brasília: Edições CNBB; Sinodal, 2015.

SUENENS, Leo; CÂMARA, Hélder. **Renovação no espírito e serviço ao homem**. São Paulo: Paulinas, 1979.

WOLFF, Elias. **Espiritualidade do diálogo inter-religioso**: contribuições na perspectiva cristã. São Paulo: Paulinas, 2016.

WOLFF, Elias. O ecumenismo no horizonte do Vaticano II. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, ano 15, n. 39, p. 403-428, set./dez. 2011. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/20406/20406.PDF>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

ZEFERINO, Jefferson; BOFF, Clodovis. A humanidade de Deus como fundamento para uma espiritualidade ética. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 55, n. 1, p. 89-100, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/2418/2522>. Acesso em: 20 mar. 2018.